

## Introdução

O presente estudo tem como tema a obra de Nam June Paik, artista que integrou o movimento Fluxus durante a década de 1960, considerado como um dos criadores da vídeoarte, disciplina artística que utiliza o vídeo assim como diversos recursos tecnológicos como meio de expressão.

Paik foi um dos artistas que mais contribuiu para a definição de uma ontologia do vídeo <sup>1</sup>, seja através de suas obras ou de seus escritos. Estes abordaram diversas vezes o tema da imagem eletrônica ou das novas tecnologias e foram além, demonstrando a visão pessoal do artista sobre o emprego destas em áreas como a comunicação, o entretenimento e a educação. Os escritos de Paik abundam em passagens visionárias, utópicas, que exprimem aquilo que se tornou o desafio fundamental na “arte e tecnologia”: a “humanização” das mídias eletrônicas, sobretudo aquelas que fazem parte da “superestrutura” da esfera social, ou seja, os meios de comunicação e os aparelhos produtores de imagens técnicas. “Humanizar” a tecnologia significa subverter seu programa ou seu uso institucional, dando-lhes um uso novo e imaginativo que atenda às necessidades existenciais dos homens, tornando-os programadores capazes de se conscientizar dos efeitos e das possibilidades da tecnologia e de utilizá-la em seu próprio benefício ou de toda humanidade.

---

<sup>1</sup> O termo ontologia é aqui utilizado em referência ao conjunto de teorias resultante das experiências de Paik com o vídeo, reunidas em *Videa n'videology*, definida por James Harithas como uma “metodologia do vídeo esteticamente motivada” e como uma “disciplina ontológica” (GLOBAL..., 2004). Segundo Françoise Parfait, a televisão herdou “as concepções estéticas que preferem explorar as especificidades técnicas dos suportes aos modos de representação” (PARFAIT, 2001, p. 19). Durante as décadas de 1960 e 1970 os artistas interrogarão a técnica do vídeo em suas estruturas internas, muitas vezes confrontando-a com o cinema de vanguarda, de modo a conquistar uma “legitimidade estética” que distinguiria o vídeo de outras disciplinas artísticas. Essas ações, freqüentemente formalistas, elaborariam gradualmente, a partir dos dados fenomenológicos do vídeo, uma “linguagem” eletrônica em sintonia com as preocupações artísticas da época (Idem, p.92). Dentre as características que constituem uma ontologia ou essencialidade do vídeo podemos citar a baixa definição, a equivalência e instantaneidade da informação (capacidade de transmitir analogicamente e em tempo real uma imagem da realidade sensível), a técnica de varredura (a ativação, em uma fração de segundo, dos *pixels* [elementos da imagem] dispostos no conjunto de linhas paralelas do monitor, cuja sucessão constitui a trama da imagem eletrônica), a cintilação, opacidade e espessura da imagem do vídeo, em contraste com a transparência e a profundidade do filme, etc.

É essa consciência da atividade artística enquanto práxis social, ou do artista como ecologista, ao lado de uma exploração das possibilidades estéticas das imagens eletrônicas, que conduzirá Nam June Paik a se aventurar na intermídia arte-comunicação: dessa aventura surgirão projetos como a “televisão do futuro”, bidirecional e interativa, livre dos obstáculos ao acesso de informação não mediatizada e, principalmente, multicultural. O fluxo global, livre e não centralizado de informações no interior da “videoesfera” e das redes de comunicação, previsto por Paik em seus conceitos de “mercado comum de vídeo” e “supervias eletrônicas” se concretizaria então com a internet: outras previsões se realizaram, assim como outras permaneceram utópicas, reflexo do otimismo em relação às novas tecnologias partilhado por muitos artistas durante essa época.

Neste trabalho, tentaremos definir quais critérios orientaram as atividades artísticas de Paik desde sua estréia como músico e artista de performance até a sua aventura no mundo da eletrônica e da arte/comunicação. Nosso objetivo é esclarecer, por meio dos escritos do artista e de autores que reconhecidamente influenciaram sua visão sobre as novas mídias, quais são os aspectos da estética paikiana, como se definem e de que forma estes são expressos em sua obra. Através da articulação das teorias de Paik com a teoria das mídias interrogaremos de que forma sua obra respondeu ao desafio da tecnologia e a sua relevância no contexto atual.

Descobriremos que o uso da eletrônica, que determinou uma mudança radical na orientação do trabalho de Paik, não é necessariamente contrária àqueles aspectos que motivaram as ações do artista desde sua estréia como *performer*. Muitos destes permaneceram, dando um caráter singular à sua intervenção na eletrônica.